INFÂNCIAS, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E LITERATURA: DIÁLOGOS SINGULARES E PLURAIS A PARTIR DA OBRA "DA MINHA JANELA", DE OTÁVIO JÚNIOR

CHILDHOOD, ETHNIC-RACIAL RELATIONS AND LITERATURE: SINGULAR AND PLURAL DIALOGUES FROM THE BOOK "DA MINHA JANELA", BY OTÁVIO JÚNIOR

INFANCIAS, RELACIONES ETNO-RACIALES Y LITERATURA: DIÁLOGOS SINGULARES Y PLURALES A PARTIR DE LA OBRA "DA MINHA JANELA", DE OTÁVIO JÚNIOR

Patrícia Barros Soares Batista[1]
Giane Maria da Silva[2]

RESUMO
Tematizar as crianças, suas interações, construções, potências e vivências fazendo interlocução com a literatura abre espaço para a qualificação do debate sobre a representação das infâncias, em especial das infâncias negras em obras literárias endereçadas ao leitor infantil. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo refletir sobre as tensões relacionadas às infâncias, relações étnico-raciais e literatura, a partir da análise do livro "Da minha janela", de Otávio Júnior, laureada com o prêmio Jabuti de melhor obra na categoria infantil, no ano de 2020. Na produção contemporânea, o livro literário ilustrado verte-se em diálogo estabelecido entre texto e leitor e amplia-se através da presença de diferentes semioses, por meio das quais múltiplas vozes se fazem ouvir, potencializando seus sentidos. Metodologicamente, optou-se pela análise do discurso bakhtiniana, a fim de investigar a polifonia presente no texto que convida o(a) leitor(a) a olhar pela janela e ver a favela a partir dos olhos de uma criança negra e periférica, tomando a palavra e a imagem como elementos enunciativos na construção narrativa. Os resultados deste estudo reforçam a complexidade e a potencialidade dos livros ilustrados endereçados às infâncias e indicam que fazer ecoar vozes historicamente silenciadas é um modo de ressignificar o campo literário. Assim se fortalece a concepção de infância plural na qual as crianças são compreendidas em seus modos singulares de participar do mundo, por meio de processos constantes de (re)elaboração de sentidos e atribuição de significados sobre suas percepções, sentimentos e experiências, considerando suas origens étnico-raciais, de classe, entre outros aspectos.
PALAVRAS-CHAVE: infâncias; relações étnico-raciais; literatura; livro ilustrado.

ABSTRACT
Thematizing children, their interactions, constructions, strengths, and experiences through a dialogue with literature opens up space for the qualification of the debate on the representation of childhood, especially black childhood, in literary works addressed to children. In this sense, this work aims to reflect on the tensions related to childhood, ethnic-racial relations, and literature, based on the analysis of the book "Da minha janela" (From my window), by Otávio Júnior, awarded the Jabuti prize for best work in the children's category in 2020. In contemporary production, the illustrated literary book is transformed into a dialogue established between text and reader and is expanded through the presence of different semioses, through which multiple voices are heard, enhancing their meanings. Methodologically, we chose to use Bakhtinian discourse analysis to investigate the polyphony present in the text, which invites the reader to look out the window and see the favela from the eyes of a black child from the outskirts of the city, using words and images as enunciative elements in the narrative construction. The results of this study reinforce the complexity and potential of illustrated books addressed to children and indicate that echoing historically silenced voices is a way of redefining the literary field. This strengthens the concept of plural childhood, in which children are understood in their unique ways of participating in the world, through constant processes of (re)elaboration of meanings and attribution of meanings to their perceptions, feelings and experiences, considering their ethnic-racial and class origins, among other aspects.

[1] Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/UFMG), Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0863-5217.
[2] Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9774-0926.

KEYWORDS: childhoods; ethnic-racial relations; literature; picture book.

RESUMEN
Tematizar a los niños, sus interacciones, construcciones, fortalezas y experiencias a través del diálogo con la literatura abre espacio para cualificar el debate sobre la representación de las infancias, especialmente las infancias negras, en obras literarias dirigidas a los lectores infantiles. En este sentido, este trabajo pretende reflexionar sobre las tensiones relacionadas con la infancia, las relaciones étnico-raciales y la literatura, a partir del análisis del libro "Da minha janela", de Otávio Júnior, galardonado con el premio Jabuti a la mejor obra en la categoría infantil, en 2020. En la producción contemporánea, el libro literario ilustrado se transforma en un diálogo que se establece entre texto y lector y se amplía a través de la presencia de diferentes semiosis, a través de las cuales se escuchan múltiples voces, potenciando sus significados. Metodológicamente, se optó por el análisis del discurso bajtiniano para investigar la polifonía presente en el texto que invita al lector a mirar por la ventana y ver la favela desde los ojos de un niño negro y periférico, tomando la palabra y la imagen como elementos enunciativos en la construcción narrativa. Los resultados de este estudio refuerzan la complejidad y el potencial de los libros ilustrados dirigidos al público infantil e indican que hacerse eco de voces históricamente silenciadas es una forma de redefinir el campo literario. Esto fortalece el concepto de infancia plural, en la que los niños y niñas son comprendidos en sus formas únicas de participar en el mundo, a través de procesos constantes de (re)elaboración de significados y atribución de significados a sus percepciones, sentimientos y experiencias, considerando su origen étnico-racial y de clase, entre otros aspectos.
PALABRAS CLAVE: infancias; relaciones étnico-raciales; literatura; libro ilustrado.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura, entendida como direito (Candido, 1995), nos humaniza em seu sentido mais profundo, dado que ela não nos torna bons, nem nos salva. A experiência literária "nos permite ir nomeando o mundo exterior e interior, e é esse processo de construção, apropriação e domínio da palavra que nos re-humaniza" (Dutra; Martins, 2021, p. 124). Por meio das palavras, "organizadas em um todo articulado, entrelaçando conteúdo e forma" (*ibidem*, p. 124) nos é possível enriquecer a percepção de mundo. Nesse sentido, faz-se importante reconhecer que a literatura traz consigo uma complexidade de elementos linguísticos, culturais, sociais, ideológicos, entre outros, que fazem da obra literária um objeto cultural polifônico (Amorim, 1998). Assim como Amaral, Silva, Baptista (2024) assumimos que

> as diferentes semioses que integram essas obras literárias atuam como vozes que polemizam, complementam, subvertem, ampliam, tensionam o discurso verbal – a palavra –, amplificando as possibilidades de produção de sentidos (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.).

A acepção de polifonia adotada neste trabalho diz respeito à perspectiva bakhtiniana que a compreende como a "multiplicidade de vozes equipolentes, as quais expressam diferentes pontos de vista acerca de um mesmo assunto" (Bakhtin, 2008, p. 4). Para o autor, as vozes são equipolentes pois "mantêm com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participantes de um grande diálogo inconcluso" (Bakhtin, 2003, p. 348). Segundo Goulart (2001), tal noção tem sido relacionada às vozes dos sujeitos, tanto em

relação a "vozes que se aproximam, consonantes, quanto em vozes que se afastam, dissonantes" (p. 19).

A literatura, assim como outros campos discursivos, se constitui de linguagem e a língua "por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade" (Kilomba, 2019, p. 14). A literatura pode silenciar, tal como afirma Kilomba (2019), mas pode também evidenciar universos discursivos constituídos por diferentes vozes, tempos, espaços e realidades socioculturais. No ambiente escolar, a literatura encontra um território diverso de leitores(as) em formação que a desvendam por meio da mediação da leitura literária, na qual se estendem pontes entre os livros e os leitores, "criando condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem" (Reyes, 2014, p. 213). Desse modo, diferentes discursos e mundos se entrelaçam, constituindo a trama da tessitura da experiência literária.

Como professoras e pesquisadoras que atuam na formação de docentes e de leitores(as) da Educação Básica, acreditamos que a literatura se configura como uma experiência plural e singular no que tangencia a interlocução com mundos e realidades outras que impulsionam nosso desenvolvimento, criando raízes de liberdade por meio das palavras de modo a "não pertencer a ninguém, não ter sentido e não conseguir deixar de produzi-lo" (Goldin, 2012, p. 37). Refletir criticamente sobre essa produção, analisando as múltiplas vozes que a compõem é um modo de fortalecer a compreensão sobre literatura, infância(s) e as (in)tensões presentes nessa relação.

A produção literária conflui em encontros que nos permitem compreender melhor a nós e aos outros, alargando horizontes de mundo, ressignificando-o e conhecendo mais sobre a vastidão de histórias e culturas historicamente invisibilizadas, como é o caso das culturas africana e afro-brasileira. Abre-se aí "um espaço que quebra o tempo regular" (*ibidem*, p. 42), que desloca o pensamento, permitindo a chegada de inquietações, desconstruindo certezas e nos fazendo sermos outros, mas, ao mesmo tempo, não deixando de ser nós mesmos.

Tendo em vista que na literatura infantil a aetonormatividade (Nikolajeva, 2023) alicerça esse campo artístico-cultural, dada a "normatividade adulta que governa a maneira como a literatura infantil foi padronizada desde o seu nascimento até os dias de hoje" (Cardoso, 2023, p. 11), questionar "o que é literatura?", "o que é criança?", "o que é infância?", "como a experiência de uma criança pode ser transmitida por um autor adulto?", aspectos indagados por Cardoso (2023), é de fundamental importância, dado que "a literatura infantil é um reflexo do status da infância que a sociedade produz" (Zornado *apud* Cardoso,

2023, p. 8).

Reconhecer as diferentes vozes que constituem os discursos presentes na produção literária endereçada aos(às) leitores(as) infantis pode ser uma forma profícua de evidenciar o protagonismo social e cultural das crianças, considerando as diferentes dimensões e modos de vida desses sujeitos. Dessa maneira, abrem-se fendas para que discursos de indivíduos historicamente invisibilizados e silenciados, como é o caso das crianças negras, ecoem, valorizando as existências plurais e sua multiplicidade de vozes, levando em consideração, além dos aspectos sociais, culturais e econômicos, o pertencimento étnico-racial e de gênero que se constituem como elementos que atravessam e ressignificam os modos de vida.

A produção de conhecimento sobre as condições de vida de crianças negras vem ganhando solidez e explicitando distintas formas de desigualdade e discriminação (Araújo; Gomes, 2023). Com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n.9394/96), provocada pela Lei n.10.639/2003, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do Brasil, tem-se um marco na história da educação do país que provocou mudanças, a partir de uma perspectiva de visibilidade e reconhecimento da população negra e suas diversas experiências.

Situar, ainda que brevemente, este contexto histórico é importante para compreendermos que a alteração da LDB gerou impactos diretos sobre o campo de estudos sobre as relações étnico-raciais e infâncias, especialmente na área da educação, reverberando também para outros campos discursivos, dentre os quais se destaca o literário (Debus, 2017). Desse modo, a temática étnico-racial vem ganhando cada vez mais espaço nas publicações direcionadas ao público infantil (Pestana, 2019) e também nos estudos do campo da Sociologia da Infância, que, na década de 2000, passou a evidenciar "a agência da criança negra, por meio da escuta de suas vozes e como sujeito de direito" (Araújo; Gomes, 2023, p. 11).

Compreendendo a relevância histórica da leitura literária como "uma prática cultural de natureza artística" (Paulino, 2014, p. 177) e a presença de diferentes discursos nos livros literários (Amaral; Silva; Baptista, 2024), acreditamos que o livro ilustrado se constitui como um importante campo de identidade das obras endereçadas às crianças, assumindo "funções diferentes, que compreendem dimensões narrativas e de significados, exigindo de nós leitores outras chaves de leitura" (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.).

Desse modo, o livro intitulado "Da minha janela", escrito por Otávio Júnior e ilustrado

por Vanina Starkoff, configura-se como uma espécie de crônica visual que descreve o cotidiano e a diversidade de modos de existência da comunidade carioca Morro do Alemão, território ao qual o escritor pertence. A obra nos incita a ver e compreender o mundo de modo mais detalhado, atento, crítico e sensível, afluindo em um bonito encontro com a negritude expressa pela voz infantil que carrega consigo o eco de outras vozes.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo tecer reflexões sobre as tensões relacionadas às infâncias, relações étnico-raciais e literatura, a partir da análise da obra "Da minha janela", laureada com o prêmio Jabuti de melhor obra na categoria infantil, no ano de 2020. Na produção contemporânea, o livro literário infantil verte-se em diálogo estabelecido entre texto e leitor e amplia-se através da presença de diferentes semioses por meio das quais múltiplas vozes se fazem ouvir, potencializando os sentidos. Metodologicamente, optamos pela análise da obra a partir da perspectiva discursiva bakhtiniana, a fim de investigar a polifonia presente no texto que nos convida a olhar pela janela e ver a favela a partir dos olhos de uma criança negra e periférica, tomando a palavra e a imagem como elementos enunciativos na construção narrativa.

Infância e racialidade

Os estudos da infância iniciam-se no século XIX e em meados da década de 1960, século XX, emergem os denominados Estudos Sociais sobre a Infância, fortalecendo, assim, o movimento de conhecimento da criança/infância a partir dos campos das ciências humanas e sociais (Kramer, 2006). A infância, entendida como uma construção social (Ariès, 1981), depende, ao mesmo tempo, "do contexto social e do discurso intelectual" (Sirota, 2001, p. 10), trazendo mudanças paradigmáticas (Rosemberg, 2012) nos estudos, em uma perspectiva social. A criança concebida como ator social e a infância vista como uma construção social rompe com uma visão assentada no *modus operandi* adulto ao conceber a criança como um vir a ser, daí a importância de se romper com

> uma visão adultocêntrica da sociedade, no geral, de suas instituições inclusive as acadêmicas, pela qual a criança é vista apenas como um vir a ser do adulto e que, para tanto, deve ser aculturada do mundo social via processo de socialização entendido como condicionamento das normas sociais impostos "de cima" - universo adulto - para "baixo" - universo infantil) (Rosemberg, 2012, p. 23).

Ao apresentar as mudanças nas concepções sobre a criança e a infância, Rosemberg (2012) propõe indagações sobre as possibilidades que constituem o olhar sobre as crianças

pelos diferentes contextos e instituições sociais, considerando que nas sociedades convivem diferentes crianças e suas infâncias, especialmente as negras,

> tangenciadas por processos, mecanismos e sistemas que ameaçam e desperdiçam suas vidas, comprometem seus projetos e desejos, mercantilizam seus sonhos e ideais, fragilizam e superficializam suas visões de mundo e das pessoas, como também negam suas identidades a partir de seus coletivos sociais e étnico-raciais (Araújo; Gomes, 2023, p. 34-35).

A infância é "mais do que uma construção teórica ou do olhar" (Araújo, 2015, p. 34). A partir de tais epistemologias, passa-se a indagar as razões de as crianças terem sido historicamente ignoradas por tanto tempo no campo dos estudos sociais. Segundo Corsaro (2011), as crianças foram marginalizadas desse campo de estudos em função da sua posição subordinada nas diferentes sociedades, e a partir de uma nova vertente sobre o olhar para a criança esta passa a ser considerada, assim como os adultos, como participantes ativas na sociedade e na cultura.

Ainda segundo o referido autor, a infância se apresenta como possibilidade de ser construída pela própria criança, e não somente uma ação adultocêntrica a seu respeito (Corsaro, 2011), ao identificar processos sociais complexos e dignos de estudo no mundo da criança. Há, dessa maneira, a superação do foco no desenvolvimento individual desses sujeitos no que concerne a seus desenlaces futuros (Silva; Carvalho, 2023). Para Corsaro (2011), a socialização não se limita a aspectos relacionados à adaptação e internalização, mas diz respeito a um processo de apropriação, reinvenção e reprodução. Nesta perspectiva, reconhecer o coletivo é fundamental para a compreensão da infância, dado o modo como as crianças negociam, compartilham e produzem cultura com os adultos e com seus pares. Corsaro (2011) afirma ainda que os estudos sobre o desenvolvimento infantil são importantes, mas, na sua opinião, "as crianças merecem ser estudadas como crianças" (Corsaro, 2011, p. 63). Assim sendo,

> a cultura das crianças não é algo que está em suas cabeças, é pública e coletiva e se expressa em ações: define-se como conjunto estável de atividades, rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham em interação com pares, compreendidos como o grupo de crianças que passam algum tempo juntas regularmente (Silva; Carvalho, 2023, p. 59).

As crianças já fazem parte da sociedade desde a mais tenra idade, entretanto, segundo Corsaro (1997), o reconhecimento da infância como uma forma estrutural ainda é difícil, tendo em vista que é comum considerar a infância como um período em que as crianças são

preparadas para serem introduzidas à sociedade, um devir.

O campo de pesquisas sobre infância e relações raciais no Brasil começou a ganhar maior solidez, amplitude e diversidade de perspectivas a partir da década de 1980, conforme assinala Teodoro (2023). Compreender tais relações é importante para alargar horizontes epistêmicos sobre as infâncias, considerando que há "uma multiplicidade de infâncias em que as crianças estão inseridas" (Teodoro, 2023, p. 11), evidenciando a agência da criança negra como um sujeito de direito, inserida em uma diversidade de contextos que compõem uma multiplicidade de infâncias a partir de modos distintos de ser e estar no mundo. Nas palavras de Teodoro (2023),

> as desigualdades, discriminações e preconceitos por elas sofridos em função do pertencimento étnico-racial é uma violação dos direitos humanos; por outro lado a compreensão de que a infância por estar inserida na estrutura social, política e econômica de qualquer sociedade, uma infância universal, podendo ser um conceito geracional; sendo assim é plural e depende da classe social, do gênero, da raça ou do pertencimento étnico-racial de cada criança, em cada contexto social e a diversidade de modos de existir (Teodoro, 2023, p. 11).

Empreender esforços em estudos que evidenciem a diversidade étnico-racial por meio da enunciação infantil se configura como uma forma de respeitar as crianças negras e suas infâncias e de manifestar a "indignação diante do racismo que assola a vida de todas as pessoas negras em nosso país e incide sobre as suas vidas desde a infância" (Araújo; Gomes, 2023, p. 15). Ao destacar a especificidade das crianças negras como sujeitos de direitos, de conhecimento, de práticas e de experiências étnico-raciais, as autoras apontam a importância de destacar que a subjetividade desses sujeitos não se constrói somente por via das experiências de racismo e sofrimento, mas também por meio de formas potentes de existência e em modos criativos e corajosos de enfrentar o racismo:

> As experiências dessas crianças como sujeitos culturais e sociais que criam e recriam sua existência, mesmo em situações duras de desigualdades que a elas impõem desde cedo o árduo aprendizado de luta pela própria sobrevivência. E, muitas vezes, pela sobrevivência de irmãos e irmãs menores (Araújo; Gomes, 2023, p. 16).

A criança, compreendida como sujeito que constroi conhecimentos a partir de experiências e é atravessada pelas experiências vividas e constituídas por todas as questões sociais, étnico-raciais, econômicas, de gênero, entre outros aspectos, e estas experiências marcam a sua inserção no mundo da cultura desde o seu nascimento, dado que a maneira como são vistas desde que nascem afeta suas infâncias (Araújo; Gomes, 2023).

Reconhecer criticamente tais aspectos que transpassam as infâncias é um desafio urgente a ser enfrentado e superado, visto que o campo de produção de conhecimento, ao evidenciar e valorizar o protagonismo de infâncias invisibilizadas pode possibilitar modos outros de conceber e realizar estudos e práticas pedagógicas pautadas na diversidade e no universo amplo, singular e plural das crianças.

Literatura, afrodescendência e livros ilustrados para a infância: caminhos singulares e plurais

O conceito de literatura, segundo Azevedo (2021), "depende obrigatoriamente de uma tautologia que me joga para a evidência de que o literário é aquilo que constitui literariedade" (Azevedo, 2021, p. 13). Nesse sentido, compreendemos que os livros literários endereçados às crianças se propagam na ficção, "usufruto da fantasia" (*ibid*, p. 13) e exploração artística das possibilidades linguísticas. Há de se considerar também que a literatura, tal como qualquer outra esfera discursiva, constitui-se de aspectos ideológicos.

No campo literário, historicamente, a literatura afrodescendente foi apagada (Cardoso, 2023) e suas raízes simbólicas ficaram sob a sombra da opacidade. Portanto, pensar nas enunciações presentes nas obras literárias direcionadas ao público infantil é um modo de evidenciar que as produções literárias são construções sociais complexas que transitam entre a vida social e a matéria literária (Azevedo, 2021). Embora atravessada por complexos elementos vinculados às relações de poder, tendo em vista que há séculos a literatura infantil vem sendo aprimorada como instrumento "para educar, socializar e oprimir um grupo social em particular" (Cardoso, 2023, p. 12), a literatura infantil, especialmente no pós-lei 10.639/2003, vem, gradual e significativamente, subvertendo essa lógica de função opressora a medida em que "pode descrever situações nas quais as estruturas de poder estabelecidas são questionadas sem serem necessariamente derrubadas" (Cardoso, 2023, p. 12). Ao evidenciar, por exemplo, discursos inferiorizados ao longo da história, como é o caso da população negra e periférica, as obras literárias podem ser subversivas ao "criar novas configurações de poder e de conhecimento" (Kilomba, 2019, p. 13), rompendo, assim, com a lógica colonial (Kilomba, 2019) fortemente presente nos discursos literários, alargando as possibilidades identitárias presentes na literatura infantil.

Nesse contexto, o livro ilustrado contemporâneo destinado às crianças se verte a um profícuo campo em que a imagem assume um sentido criativo e abre-se a possibilidades semânticas e disruptivas por meio do trabalho criativo de artistas, a partir do entrelace entre

imagem e palavra. Os livros ilustrados contemporâneos, de acordo com Amaral, Silva e Baptista (2024, n. p.), "convidam seus leitores à interação com os diversos recursos semióticos e suas potencialidades no processo de construção dos sentidos e significados da obra". Revelam-se ainda como um "convite ao fomento da imaginação criativa e à experiência estética" (*ibidem*, n. p.). De acordo com as autoras, no Brasil, "a consciência de que um acervo nacional de livros ilustrados vem se constituindo é relativamente recente" (*ibidem*, n. p.).

Valorizar a produção nacional é importante, tendo em vista que o livro ilustrado como objeto também se abre a possibilidades de exploração de diferentes linguagens e no orquestramento das diferentes vozes ali presentes na articulação "narrativa envolvendo palavras e imagens" (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.). Portanto, tematizar as crianças, suas interações, construções, potências e vivências, fazendo interlocução com o campo literário, abre espaço para a qualificação do debate sobre a representação das infâncias, em especial das infâncias negras em livros ilustrados endereçadas ao leitor infantil, no cenário brasileiro.

O livro ilustrado tem sido cada vez mais explorado por artistas, "dentre eles escritores, ilustradores e designers de livros para a infância, como forma específica de narrar, pelo modo singular como nele a narrativa se constitui, o que torna o objeto livro uma experiência literária" (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.). Essa experiência é forjada a partir das constantes relações que se estabelecem entre o texto verbal, as imagens e o próprio objeto livro. Segundo Moraes (2019), as imagens assumem um novo sentido em articulação com as palavras, ao mesmo tempo em que estas últimas, propositalmente inacabadas, ganham novos significados frente às imagens. O livro ilustrado, portanto, caracteriza-se pela indissociabilidade e interdependência entre o texto verbal, as imagens e o objeto livro.

A partir da perspectiva de um menino negro, habitante de uma comunidade no alto de um morro carioca, as narrativas verbais e visuais de autoria de Otávio Júnior, com ilustrações de Vanina Starkoff, evidenciam a beleza da paisagem concreta e social que forma esse espaço, como as diferentes nuances das diversas casas que compõem um mosaico colorido, as lajes e os remendos dos telhados, as ações cotidianas que fazem a vida pulsar por entre estabelecimentos e ruas da comunidade, a beleza natural que tece poesia nas coisas mais prosaicas, como o anoitecer ou o cair da chuva, revelando os singulares e plurais modos de vida dos(as) habitantes.

Conforme Bezerra (2005), as imagens dão à obra de Otávio Júnior uma dimensão de abertura, inacabamento e inconclusibilidade, características da polifonia bakhtiniana que

contribuem para instigar a imaginação criativa e abrir novas possibilidades de produção de sentidos pelo leitor. Assim como Amaral, Silva e Baptista (2024), que se ancoram no conceito de Amorim (1998), compreendemos o livro ilustrado como objeto cultural polifônico por entender que nele diferentes vozes ecoam e manifestam realidades múltiplas.

O conceito de polifonia, adotado aqui, é entendido tal como assinala Goulart (2001), que, baseando-se nos estudos de Bakhtin, compreende que os discursos são constituídos pelos sujeitos nas interações sociais, por meio das palavras de outros sujeitos:

> no movimento de interação social os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos (e não da língua, isto é, já ideologizadas), que ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as contrapalavras, as réplicas ao dizer do outro, que por sua vez vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante. É então num emaranhado discursivo que se formam o discurso social e os discursos individuais (Goulart, 2001, p. 11).

Para Bakhtin (1992), "o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo" (Bakhtin, 1992, p. 121). Dessa maneira,

> [...] a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. [...] Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (Bakhtin, 1992, p. 313-314).

Segundo o autor, a enunciação é a substância da língua, uma vez que no momento da enunciação instaura-se a intersubjetividade e também a interação (Bakhtin, 1992). A linguagem possui, dessa forma, uma natureza social e não individual e ao veicular concepções de mundo, "torna-se um lugar de confrontos ideológicos" (Pires, 2002, p. 37). A palavra é, assim, "o fenômeno ideológico por excelência" (*ibidem,* p. 37), pois traz consigo uma carga de valores culturais que expressam as divergências no que se refere a opiniões e contradições presentes na sociedade.

A polifonia presente no livro "Da minha janela"

O texto visual pode ser compreendido como uma outra voz narrativa que permite a expansão das leituras possíveis do enredo, por meio da manifestação de outra perspectiva. A

polifonia estabelecida pelas imagens e outros recursos semióticos na interação com o texto verbal "é potencializadora de processos de produção de sentidos e fomenta a imaginação criativa" (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.), como buscaremos evidenciar nas análises que apresentaremos adiante.

A adoção do conceito de polifonia é apropriada a esta discussão por entendermos que ele possibilita fazer referência ao modo como as diferentes vozes se fazem ouvir nas obras literárias, com base nos estudos da filosofia da linguagem, propostos por Bakhtin. Ao conceber o livro ilustrado como um objeto cultural polifônico, entendemos que, nesse tipo de produção artística, as diferentes semioses desfrutam "de plenitude em relação ao texto verbal" (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.). Desta maneira, ainda segundo as autoras,

> são outras vozes do discurso literário que contribuem para a experiência estética vivida pelos leitores. Nesse sentido, o convite ao leitor é para que conceba o livro como experiência literária polifônica, uma vez que todas essas dimensões – verbal, imagética e do objeto concreto – são enunciativas, operando conjuntamente na oferta de possibilidades dos significados da obra (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.).

De acordo com Volóchinov (2018), é por meio dos enunciados que a língua se materializa. Os enunciados se caracterizam por sua unidade de sentidos e por abarcar não somente a palavra em sua dimensão linguística, mas também a situação comunicativa da enunciação. A enunciação possui um caráter essencialmente social, dada sua inserção em um contexto específico e pelos atravessamentos ideológicos, cuja construção de sentido do que é enunciado só se faz possível com o outro e na relação com o outro.

Os enunciados se expressam não somente pelos conteúdos linguísticos relacionados à palavra, mas também por conteúdos imagéticos, pela música, pelo corpo e por todas as demais linguagens. Considerar o livro ilustrado como "um discurso verbal impresso" (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.) e como um elemento da comunicação verbal (Volóchinov, 2018) implica compreender que os sentidos e significados produzidos para as narrativas dos livros ilustrados "se configuram com base naquilo que os autores intentam ao enunciarem, mas também na relação que os leitores estabelecem com a obra, ao interagirem com o objeto livro em sua construção multimodal" (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.).

As ilustrações que se estendem em páginas duplas ao longo de todo o livro "Da minha janela" são repletas de cores e movimento e convidam o(a) leitor(a) - a partir do olhar de um menino negro, morador da comunidade e protagonista que narra a história em primeira pessoa - a enxergar a favela como um tempo-espaço múltiplo e diverso, repleto de vida e de pessoas.

Localizados na interseção da literatura com as artes visuais e gráficas, os livros

ilustrados demandam leituras específicas no que concerne à horizontalidade, considerando a direção temporal do início do objeto (capa) ao final (quarta capa), e no que diz respeito aos elementos verticais, como os pontos de profunda vinculação entre palavra, imagem e objeto. A leitura característica desse tipo de livro convida a uma ação leitora dinâmica, aberta à multiplicidade de sentidos construídos na interlocução entre conteúdo e forma da obra.

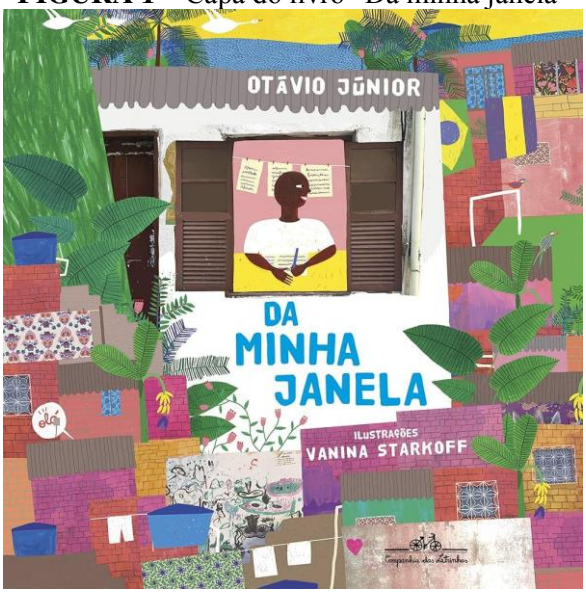
Compreendendo a polifonia como uma multiplicidade de pontos de vista, manifestada por diferentes vozes (Bakhtin, 1992) que ampliam semanticamente as possibilidades de leitura, e buscando refletir sobre a complexidade dos livros ilustrados, considerados como "objetos artísticos que exigem leituras atentas às diversas linguagens e possibilidades de construção" (Amaral; Silva; Baptista, 2024, n. p.), apresentaremos, a seguir, algumas análises do livro "Da minha janela", do escritor Otávio Júnior, conhecido como "Livreiro do Alemão". O autor é, ainda, ator, contador de histórias e produtor teatral brasileiro e ficou nacionalmente conhecido por abrir a primeira biblioteca nas favelas do Complexo do Alemão e no Complexo da Penha, no estado do Rio de Janeiro, em 2011[3].

A escolha dessa obra se justifica por sua relevância temática na produção nacional, reconhecida, inclusive, pelo mais tradicional prêmio literário do Brasil, o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), por evidenciar vozes dissonantes de crianças negras e periféricas e por se constituir como objeto cultural que evidencia e celebra a "representatividade étnico-cultural na literatura" (Vieira; Santos, 2024, p. 70).

A capa do livro (figura 1) denota uma referência direta à biografia do autor, ao apresentar um garoto negro escrevendo e observando o que acontece em sua comunidade. "Da minha janela" foi laureado como melhor obra na categoria criança no Prêmio Jabuti, no ano de 2019. Além disso, foi selecionado para participar da Bologna Children's Book Fair de 2020[4], evento de maior expressão da literatura infantil no mundo, que acontece anualmente na Itália, reunindo, desde 1964, os maiores produtores culturais de conteúdo para crianças e jovens de todo o mundo.

[3] A biblioteca comunitária, nomeada por Otávio Júnior como "Barracoteca Hans Christian Andersen" em homenagem ao escritor dinamarquês, autor de contos, foi inaugurada em 22 de agosto de 2011. Fonte: https://udemo.org.br/2011/Leituras11_0158_Livreiro-do-Alemao.html. Acesso em: 23 jan. 2025.
[4] Disponível em: https://fnlij.org.br/wp-content/uploads/2023/04/CatalogoFNLIJBolonha2020.pdf

FIGURA 1 – Capa do livro "Da minha janela"



Fonte: Da minha Janela. Otávio Júnior. Ilustrações Vanina Starkoff. Editora Companhia das Letrinhas. 2019.

Na obra "Da minha janela", escritor e ilustradora tecem palavras e imagens tendo como mote um olhar que vê de maneira verdadeira a comunidade, abrindo janelas que mostram ao leitor a dinamicidade presente nas comunidades cariocas. Assim, a obra exalta a vida em comunidade e, a partir do olhar sensível da criança que narra a história, o dia a dia do morro é apresentado ao leitor de modo genuíno e sensível, como se pode perceber, por exemplo, nas páginas que apresentam a brincadeira preferida do protagonista narrador: "a nossa brincadeira preferida é microfone sem fio, que vira funk, que vira rima e se transforma em poesia" (Júnior, 2019, n. p.).

Os traços e composições da ilustradora, presentes na obra, evidenciam inúmeras cores e detalhes que incitam os leitores a olhar cuidadosamente para o cotidiano da comunidade retratado nas páginas. Destaca-se a alegria e a sensibilidade demonstradas nas construções arquitetônicas da favela que, diferentemente dos cenários que povoam o imaginário social, nos remete a um território diverso, dinâmico, alegre e repleto de vida. Desde a capa (figura 1), a obra nos convida a enxergar sob uma nova perspectiva esse cenário, ao trazer o protagonista observando da sua janela a comunidade que o abraça, estendendo-se até a quarta capa.

A proposta imagética da obra revela, por meio da ludicidade, a manifestação do livro como objeto artístico. O folhear das páginas revela-se como um passeio por entre ruas, casas, ambientes e pessoas que compõem a comunidade, demarcando a produção literária infantil como campo profícuo das artes visuais. Ao longo de toda a narrativa verbal, composta por frases sucintas sobre o que a criança vê de sua janela, as ilustrações revelam vários elementos que narram a vida no morro, possibilitando aos(às) leitores(as) acessarem aspectos narrativos

que não são contados apenas por meio da palavra escrita, mas também pelas imagens. Estabelece-se, aí, um movimento polifônico, no qual se fazem presentes as vozes das crianças que habitam o morro, enunciadas pelo narrador que dialoga com as experiências autobiográficas do autor e a voz imagética da ilustradora, uma artista argentina, radicada no Brasil, e que não vive o cotidiano de uma comunidade periférica. A perspectiva proposta pelas imagens é a de alguém que está observando da sua própria janela. As imagens horizontalizam-se sobre páginas duplas que alocam as ilustrações de modo a ocupar todos os espaços disponíveis, o que reforça a ideia do intenso povoamento local em muitos momentos (cf. figura 3). Em outros, as imagens ilustram metaforicamente a liberdade e a imaginação presentes no brincar, como se pode notar na figura 2, a seguir.

FIGURA 2 – Brincadeira "microfone sem fio"



Fonte: Da minha Janela. Otávio Júnior. Ilustrações Vanina Starkoff. Editora Companhia das Letrinhas. 2019.

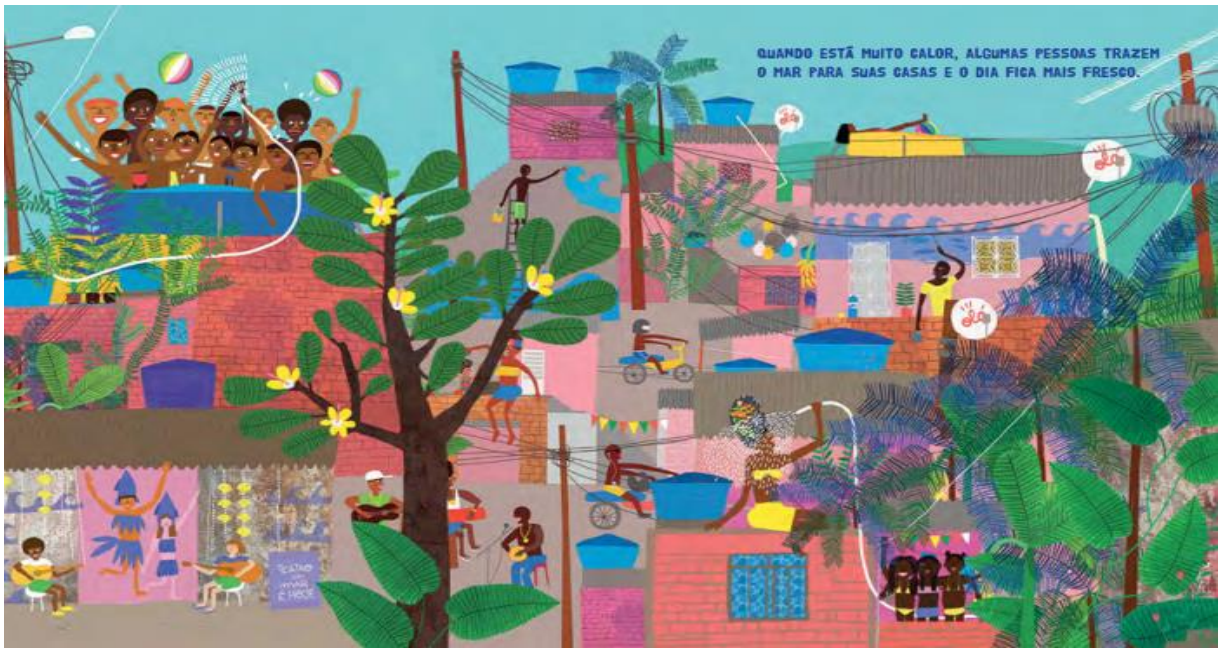
Diferentemente da visão muitas vezes estereotipada sobre o *funk*, que revela preconceitos e juízos de valor emitidos sobre esse estilo musical, considerado um movimento cultural (Benevento, 2013), este gênero musical é evidenciado verbalmente como linguagem poética na brincadeira de rua: "Que vira funk, que vira rima e se transforma em poesia" (Júnior, 2019, n. p.). Para Benevento (2013), o *funk* é uma importante manifestação cultural popular do Brasil, estando diretamente relacionado aos estilos de vida e experiências da juventude oriunda de favelas, refletindo, portanto, a vida cotidiana em morros e comunidades cariocas:

> O funk foi reconhecido como manifestação cultural pelo Estado, porém, independente deste fato, o movimento é popular e por isso enfrenta a cultura dominante presente entre as autoridades, as quais pelo viés de classe precisam ser combatidas, pois é nesse embate que o poder se constitui (Benevento, 2013, p. 15).

A ilustração da dupla de páginas apresenta uma narrativa em que crianças e jovens felizes, sentados em nuvens, brincam e se expressam livremente sem medo ou preocupação, e sem os atravessamentos que "sinalizaram inúmeros processos desqualificadores de suas origens étnico-raciais" (Araújo; Gomes, 2023, p. 41). Tal como Santana (2023), que observou o encantamento das crianças em uma comunidade quilombola mineira, entendemos que as crianças apresentadas na obra podem ser compreendidas como "pessoas encantadas com a vida, principalmente por sua capacidade de brincar de muitos jeitos e em diversos contextos, dispondo de poucos artefatos industrializados" (Santana, 2023, p. 77).

As experiências complexas de habitantes das periferias urbanas, e a ressignificação diante das inúmeras lacunas materiais e desafios como, por exemplo, as intempéries climáticas ocasionadas pelo calor, que mobiliza os(as) moradores(as) dos morros cariocas a buscarem alternativas para se refrescarem, não deixam de ser apresentadas, mas são traduzidas com imagens carregadas de ludicidade e força que trazem complementaridade e ampliação semântica aos aspectos poéticos registrados nas palavras do autor: "quando está muito calor, algumas pessoas trazem o mar para suas casas e o dia fica mais fresco" (Júnior, 2019, n. p.).

FIGURA 3 – A comunidade em um dia de calor



Fonte: Da minha Janela. Otávio Júnior. Ilustrações Vanina Starkoff. Editora Companhia das Letrinhas. 2019.

Nas ilustrações, um grupo de crianças e jovens se diverte dentro de uma caixa d'água na laje, que cumpre o papel de piscina; uma mulher, também na laje, se molha com o jato de água aspergido por uma mangueira; outros personagens são apresentados em cima da laje lançando mão de estratégias para se refrescarem. As imagens, assim como as palavras, também externam poesia: a peça de teatro em cartaz é "Teatro do mar"; um morador pinta peixes sob ondas na fachada de sua casa e da janela uma mulher lê "Sereio do mar", para duas crianças. Essa perspectiva de beleza e contentamento revela a resistência das pessoas das favelas e mostra que, diferentemente do cenário de ausências, violência e dor comumente vinculadas aos territórios e às pessoas periféricas, há muita vida e alegria, dado que o povo negro historicamente é subalternizado e inferiorizado em função do racismo, permeado "de ódio e desprezo com respeito a pessoas com características físicas bem definidas e diferentes das nossas" (Todorov, 1993, p. 107).

Evidenciar e valorizar narrativas e corpos negros, subjetividades e modos outros de celebrar as existências é uma maneira fecunda de celebrar a primazia que todos os sujeitos têm diante da diversidade presente no mundo. Os textos verbal e imagético fazem ecoar discursos marginalizados e ainda hoje silenciados socialmente, e revelam a não neutralidade da infância, mostrando que ela não está blindada das dificuldades e mazelas socioeconômicas, dada a "vivência da desigualdade" (Araújo; Gomes, 2023, p. 55), mas revelam, sobretudo, a busca pelo "bem-viver" (Santana, 2023, p. 62) no que tangencia as vivências em comunidade, "ao pertencimento identitário associado ao território e à dinâmica cultural que mantêm vivas as tradições passadas de geração em geração" (*ibidem*, p. 62).

Percebem-se, também, no discurso presente na obra, vozes historicamente minorizadas, como a das mulheres muçulmanas, por exemplo. Na passagem em que o protagonista narra "Ao cair da noite vejo muitas luzes e vaga-lumes que iluminam caminhos escuros" (Júnior, 2019, n. p.), a ilustração apresenta Malala Yousafzai retratada em um muro da comunidade, e revela uma interlocução com a luta da garota paquistanesa, reconhecida mundialmente pela sua atuação em prol da educação feminina, contrariando o Talibã[5]. Metaforicamente, a ilustração evidencia um "vaga-lume" na luta pelos direitos humanos, em um mundo que suprime vários direitos básicos vitais das pessoas.

[5] Movimento fundamentalista e nacionalista islâmico que se difundiu no Paquistão e que é contrário ao direito das mulheres de estudar.

FIGURA 4 – O cair da noite na comunidade



Fonte: Da minha Janela. Otávio Júnior. Ilustrações Vanina Starkoff. Editora Companhia das Letrinhas. 2019.

Estudos apontam que nas comunidades há uma grande fratura em relação à presença do Estado e à garantia de direitos básicos da população no que se refere à moradia, educação, alimentação, saúde, bem-estar, entre outros aspectos que conferem grande precariedade à vida nas favelas (Brulon; Peci, 2017). Diante desse cenário lacunar, diferentes estratégias são criadas por associações comunitárias e lideranças que, historicamente, lutam contra "o silenciamento e o rebaixamento da crítica dos moradores" (Rocha, 2018, p. 476), mesmo com o predomínio de um cenário adverso de desqualificação dos moradores das favelas em que "a criminalização é um elemento fundamental" (*ibid*em, p. 476) para silenciar a população pobre e periférica.

Ainda em relação aos desafios e precariedades estruturais da favela, percebemos um contraponto entre esperança-tristeza que se manifesta por meio da ausência e da presença da cor, conforme se pode notar na figura 5:

FIGURA 5 – Ambientação que representa as alegrias e tristezas que compõem o cotidiano da favela



Fonte: Da minha Janela. Otávio Júnior. Ilustrações Vanina Starkoff. Editora Companhia das Letrinhas. 2019.

As palavras do narrador mostram ao leitor as vivências desafiadoras que as crianças moradoras das comunidades cariocas corriqueiramente enfrentam: “Da minha janela escuto sons que me deixam muito triste. Às vezes não posso ir para a escola, nem jogar bola lá fora” (Júnior, 2019, n. p.). A ilustração (figura 6) apresenta um cenário comumente apresentado na mídia, no qual moradores buscam se proteger no abrigo de seus lares das situações conflituosas que evoluem para tiroteios intensos.

Para Santana (2023), os danos provocados pelo racismo nas infâncias marcam diversas gerações que se veem às voltas com situação de extrema pobreza e escassez de oportunidades, o que constitui dificuldades em construírem uma autoimagem positiva de si, além de “terem suas vidas interrompidas precocemente pelo fenômeno intitulado recentemente como necroinfância” (Nogueira, 2020, *apud* Santana 2023, p. 63).

FIGURA 6 – Cenário que evidencia a busca de proteção nas casas diante da violência externa



Fonte: Da minha Janela. Otávio Júnior. Ilustrações Vanina Starkoff. Editora Companhia das Letrinhas. 2019.

A esperança dos moradores da comunidade se faz ecoar nas palavras da criança em diferentes momentos da narrativa: “Quero descobrir onde está o final do arco-íris. Não por causa do tesouro: quero decifrar um mistério que vale mais que ouro” (Júnior, 2019, n. p.). A imaginação, a fabulação de uma realidade outra, presente no cotidiano de crianças que vivem em situação de vulnerabilidade, também nos é apresentada pelo narrador: “Da minha janela vejo o campinho vazio, que volta a se encher de gente quando fecho os olhos” e denota também o desejo de ascensão por meio do futebol, outro aspecto fortemente presente no discurso de muitas crianças que vivem em favelas: “Gente que sonha em fazer golaço no maracanã lotado” (Júnior, 2019, n. p.).

Da própria janela, o garoto nos apresenta o seu mundo real, permeado de desafios econômicos e sociais: “gente remendando o telhado, que estava quebrado por causa da chuva” (Júnior, 2019, n. p.); “gente indo em busca do seu tesouro” (Júnior, 2019, n. p.); mas também apresenta um cenário que, infelizmente, não é comumente associado ao cenário da realidade nas comunidades: o da educação e da leitura - “gente com livros nas mãos a caminho da escola” (Júnior, 2019, n. p.). As imagens apresentadas na figura 7 revelam, por meio do contraste de cores intensas, diferentes elementos urbanos e naturais que moldam a paisagem da favela, apresentando um contexto repleto de alegria no qual crianças e jovens brincam e se divertem, trajando uniformes escolares e portando livros.

FIGURA 7 – Crianças e jovens da favela a caminho da escola



Fonte: Da minha Janela. Otávio Júnior. Ilustrações Vanina Starkoff. Editora Companhia das Letrinhas. 2019.

FIGURA 8 – A favela pelo olhar da criança que narra a história



Fonte: Da minha Janela. Otávio Júnior. Ilustrações Vanina Starkoff. Editora Companhia das Letrinhas. 2019.

As narrativas verbal e visual evidenciam, por meio de diferentes vozes, que a plenitude no modo de viver em uma comunidade reside no potencial criativo de seus habitantes, e revelam a capacidade de observar, interagir e reelaborar o mundo adulto através de "jogos e microencenações repletas de realidade daquilo que apreendem do mundo em que estão inseridas" (Santana, 2023, p. 79). Ainda segundo a autora, brincar e viver intensamente pelas brincadeiras, pelas experimentações e curiosidades é um "modo de expressão do bem-viver" (*ibid*em, p. 79) e trazem a dimensão de constituição da humanidade por meio de processos que ocorrem ao longo de toda a vida, tendo na infância um período privilegiado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciar as infâncias negras na literatura infantil por meio do livro ilustrado, produção artística fronteiriça entre a literatura e as artes visuais, é um modo profícuo de construir novos olhares para as crianças e suas múltiplas experiências no mundo. A obra "Da minha janela", evidencia o protagonismo das infâncias negras e revela, por meio das narrativas verbais e visuais, múltiplas vozes que mostram a complexidade, os desafios, a força e a beleza da vida na favela. A partir de um potente percurso estético e literário, a leitura do livro demanda um(a) leitor(a) atento às diversas possibilidades de construção de sentidos, dado o seu caráter polifônico.

O livro ilustrado abre-se a diferentes leituras que convidam à criatividade. "Da minha janela", produção construída a partir do olhar e da experiência de um autor negro e periférico, revela a importância da diversidade étnico-racial no cenário literário e sua contribuição para esse campo no que diz respeito ao fortalecimento de uma perspectiva mais plural e positiva em relação aos modos de existência de diferentes sujeitos, cuja história silenciou e subtraiu-lhes a possibilidade da presença e participação nos diferentes campos discursivos.

A obra de Otávio Júnior, com ilustrações de Vanina Starkoff, revela o caráter multimodal dos livros ilustrados e reitera a ideia defendida por Mikhail Bakhtin de que o verbal está imbricado de outros elementos em um contexto, nunca estando isolado. Assim, para além do discurso verbal, consideramos a materialidade e a visualidade como vozes que constituem as narrativas visuais, trazendo complementaridade e ampliando os sentidos postos pela palavra.

Compreendemos a infância em sua acepção múltipla, considerando a pluralidade dos modos de ser criança e entendendo a relevância de focalizar as infâncias negras "para além da falta e das desigualdades históricas" (Teodoro, 2023, p. 13). Manifestando-se, assim, em caminhos que evidenciam a criança como sujeito de protagonismo na produção de cultura e como aquele que interpreta, simboliza e comunica suas percepções sobre o mundo, na interação com outras crianças e com adultos.

Os livros ilustrados contemporâneos se configuram como experiência estética e interativa com os diferentes recursos semióticos que potencializam o processo de construção dos sentidos da obra. Ao trazer elementos enunciativos de sujeitos historicamente invisibilizados, como é o caso das crianças negras, abrem-se possibilidades outras de ampliação da compreensão de si, do outro e sobre o mundo, a partir do diverso nas escolhas literárias realizadas cotidianamente.

Os resultados deste estudo reforçam a complexidade e a potencialidade dos livros ilustrados endereçados às infâncias, e indicam que fazer ecoar vozes historicamente silenciadas é um modo de ressignificar o campo literário. Assim se fortalece a concepção de infância plural de realizações, na qual as crianças são compreendidas em seus modos singulares de participar do mundo, por meio de processos constantes de (re)elaboração de sentidos e atribuição de significados sobre suas percepções, sentimentos e experiências, considerando suas origens étnico-raciais, sociais, culturais, de gênero, entre outros aspectos.

"Da minha janela" nos convida, pelo olhar singular e múltiplo da criança, a observarmos o mundo ao nosso redor. A janela pode ser compreendida de maneiras distintas, podendo remeter à janela da casa, cujo olhar se volta para o local, mas também à janela do pensar, que se abre para o mundo de modo mais amplo. Mais do que complementaridade, as ilustrações ampliam os sentidos semânticos revelados pelo texto verbal conciso e marcado pela sensibilidade poética. A favela, cenário onde o protagonista vive, é povoada por muitas pessoas e por cores, muitos detalhes arquitetônicos e diversos elementos que compõem a paisagem ali presente. As infâncias negras são atravessadas pelo racismo e o viver na favela é visto de maneira estereotipada. Ao evidenciar o cotidiano de uma criança negra que vive em uma favela, a partir da sua própria enunciação, a obra "Da minha janela" suscita reflexões sobre as diferentes nuances dos modos de vida existentes no mundo, alargando horizontes sobre o quanto a favela tem a nos ensinar sobre o que é ser, de fato, um território comunitário, e o quanto as crianças que nela vivem constroem em suas interações cotidianas o bem viver.

Na produção contemporânea do livro ilustrado, o diálogo estabelecido entre o texto e o(a) leitor(a) amplia-se através de diferentes significados, em vozes diversas que podem se fazer ouvir e atuam como potencializadoras de sentidos. As obras que têm como viés a diversidade étnico-racial oportunizam formas outras de compreender e sentir o mundo. Enaltecer e reconhecer o cotidiano da vida de crianças, levando em consideração o seu contexto cultural e social fortalece a reflexão e o questionamento sobre os motivos que levam à exclusão de alguns modos de existência em detrimento da valorização de outros, revelando, por conseguinte, a não neutralidade da infância e do olhar adulto sobre esta. A partir dessa perspectiva, enreda-se, então, uma tessitura de aprendizados calcados na valorização da diversidade, por meio do protagonismo das infâncias negras.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Mariana Parreira Lara do; SILVA, Hilda Aparecida Linhares da; BAPTISTA, Mônica Correia. O livro ilustrado para crianças como objeto cultural

polifônico. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, *[S. l.]*, v. 19, n. 3, 2024. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/64065. Acesso em: 21 jan. 2025.

AMORIM, Marília. O texto de pesquisa como objeto cultural e polifônico. **Arquivos brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 50, n. 4, p. 79-88, out-dez, 1998.

ARAÚJO, Marlene de. **Infância, Educação Infantil e relações étnico-raciais**. 2015. 359 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ARAÚJO; Marlene de; GOMES, Nilma Lino. **Infâncias e relações étnico-raciais**: a tensa luta pela garantia de direitos em tempo antidemocráticos. *In*: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. (orgs.). Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. p. 27-59.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

AZEVEDO, Luiz Maurício. **Estética e Raça**. Ensaios sobre a literatura negra. Porto Alegre, RS: Sulina, 2021.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BENEVENTO, Claudia Toffano. **Movimento funk carioca, cultura popular e mercado**: limites da consciência de gênero à emancipação da mulher trabalhadora. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/13389/Claudia%20Toffano%20Benevento.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 jan. 2025.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 191-200.

BRASIL. **Lei n. 10.639**, **de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 23 out. 2024.

BRULON, Vanessa; PECI, Alketa. Disputas do Estado em Favelas: O Campo Burocrático e o Capital Espacial. **Administração Contemporânea**. 21, v. 4, jul-ago, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rac/a/LtW9LRkDtFQLttXsVs5LSMJ/#. Acesso em: 21 jan. 2025.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 183-208.

CARDOSO, Elizabeth. Apresentação. *In*: NIKOLAJEVA, Maria. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil**. Tradução: Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 9-15.

CARDOSO, Elizabeth. Escurecimentos literários: autoria de ancestralidade negra na fundação da literatura infantil brasileira. **Odere**. v. 8, n. 1, 2023. Disponível em: file:///D:/Downloads/12396-Texto%20do%20artigo-37656-3-10-20230501%20(1).pdf. Acesso em: 24 jan. 2025.

CORSARO, William. **The sociology of childhood**. California: Pine Forge Press, 1997.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Florianópolis, SC: NUP/CED/UFSC, 2017.

DUTRA, Érica de Faria; MARTINS, Lurdinha. Poesia na escola: a prática de ler poemas para as crianças. *In:* WEISZ, T.; TAVARES, C. (org.). **Literatura e Educação.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2021. p. 123-136.

GOLDIN, Daniel Halfon. **Os dias e os livros**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

GOULART, Maria Cecília. Letramento e polifonia: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização. **Revista Brasileira de Educação**, n. 18, set/out/nov/dez, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/y9TzLGJVsZQsmjH6GDRZTsg/?format=pdf. Acesso em: 24 jan. 2025.

JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela.** Ilustrações de Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade. Brasília, DF, 2006. p. 19-21.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORAES, Odilon. **A casa tombada** - Odilon Moraes e os caminhos do livro ilustrado. Entrevistadora: Laís Froes. Entrevistado: Odilon Moraes. São Paulo, A casa tombada, 2017. Podcast. Disponível em: https://soundcloud.com/user-339605954/004-a-casatombada-odilon-moraes-e-os-caminhos-do-livro-ilustrado. Acesso em: 24 jan. 2025.

NIKOLAJEVA, Maria. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil**. Tradução: Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023.

PAULINO, Graça. Leitura literária. *In:* FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG-Faculdade de Educação, 2014. p. 177-178.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araujo. A literatura afro-infantil: representação e

representatividade. Literafro: **Portal de Literatura Africana**, [2019]. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1545-cristiane-pestana-a-literaturaafro-infantil-representacao-e-representatividade. Acesso em: 5 jan. 2025.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon**, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002. DOI: 10.22456/2238-8915.29782. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782. Acesso em: 25 jan. 2025.

REYES, Yolanda. Mediadores de leitura. *In:* FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG-Faculdade de Educação, 2014. p. 213-214.

ROCHA, Lia de Mattos. Associativismo de moradores de favelas cariocas e criminalização. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 65, p. 476-494, set-dez., 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações étnico-raciais. *In*: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade:** aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. p. 10-46.

SANTANA, Patrícia. O bem-viver e o ubuntu das crianças quilombolas. *In*: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. (orgs.). **Infâncias negras**: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. p. 61-91.

SILVA, Camila Ferreira da; CARVALHO, Janaína Nogueira Maia. A construção histórica e social da infância: um diálogo entre alguns dos principais pesquisadores contemporâneos que estudam temas relacionados à cultura das crianças e à/s infância/s. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 28, n. 64, p. 49-68, set./dez, 2023.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de pesquisa**, n. 112, março 2001, p. 7-31. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/X8n4RcnLnhdybsVSwNG5Twv. Acesso em: 25 jan. 2025.

TEODORO, Cristina. Prefácio. *In*: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. (orgs.). **Infâncias negras**: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. p. 7-14.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**. A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Tradução: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

VIEIRA, Luciana Arleu; SANTOS, Gisele Abreu Lira Corrêa dos. Vozes silenciadas, histórias amplificadas: letramento literário e literatura afro-brasileira. **Revista Literatura em Debate,** *[S. l.]*, v. 19, n. 34, p. 70–91, 2024. DOI: 10.31512/19825625.2024.19.34.70-91. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/4747. Acesso em: 21 jan. 2025.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

SOBRE AS AUTORAS

Patrícia Barros Soares Batista
Professora do Centro Pedagógico (CP) da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pedagoga, mestre em Educação pela UFMG e doutoranda em Educação pela mesma instituição.
E-mail: patriciab.ufmg@gmail.com

Giane Maria da Silva
Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – *Campus* Arraias. Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: giane.silva@gmail.com

Artigo recebido em 25/01/2025.
Artigo aceito em 20/05/2025.